

O CINEMA "SUSSURRADO" DE JORGE SILVA MELO

ATOR, ENGENHADOR, DIRETOR DOS ARTISTAS UNIDOS, JORGE SILVA MELO TEM UMA CARREIRA SINGULAR NO CINEMA. PARA (RE)VER NO LISBON & ESTORIL FILM FESTIVAL

POR MARIA JOÃO CAETANO

O CINEMA FOI a sua primeira paixão. "Era aquilo que me libertava de um quotidiano que era muito monótono", lembra Jorge Silva Melo. Com uma infância com doenças várias e a frequentar uma escola "de padres", Jorge encontrava no cinema o espaço para sonhar. "O cinema era aquilo que me libertava aos sábados e aos domingos e me fazia pensar que o mundo era possível, que os tiranos como Nero podiam ser derrubados como no *Quo Vadis* e que havia liberdade. Aquilo tudo era maior do que a vida."

Com a cumplicidade do pai, que era um grande cinéfilo, e a ajuda da irmã mais velha, que costumava frequentar cineclubes católicos com o grupo de João Bénard da Costa, Jorge Silva Melo foi-se habituando não só a ver como a discutir cinema. Aos 15 anos começou a fazer crítica de cinema, no *Diário de Lisboa Juvenil*, depois no *Diário de Lisboa*, depois em *O Tempo e o Modo*. "Na primeira ida a Paris, que creio foi em 64, em um mês, de 1 a 31 de

agosto, consegui ver 154 filmes. Com um estudo rigoroso das linhas do metro e do dinheiro para comer. As idas a França não eram para ver a *Gioconda* no Louvre, eram para ir à Cinemateca do Langlois."

Realizador foi sempre aquilo que quis ser. Uma das primeiras experiências de Silva Melo no cinema aconteceu no filme *A Pousada das Chagas* (1972), de Paulo Rocha: "Ele veio ver o espetáculo o *Anfitrião*", que eu fiz com o Luís Miguel Cintra, e convidou-nos logo para trabalhar nesse filme, que é muito experimental, muito vanguardista e para o qual precisava daquela teatralidade que nós demos", recorda. "Eu aí fui tudo, fui produtor, guarda-roupista, maquilhador, era uma equipa mínima. Tenho muito orgulho em ter pertencido a este filme." A rotação decorreu em Óbidos, no verão. Pouco depois, partiria para Londres, interrompendo a Faculdade de Letras, para ir estudar na London Film School durante um ano e meio.

"Mal acabei o curso, tive trabalho cá em Portugal, como assistente de realização do



**Homenagem a Jorge Silva no
Lisbon & Estoril Film Festival**

*Amanhã, conversa com Jorge Silva
Melo depois da projeção de 'Agosto'
(16.00 no Espaço Nimas)
Toda a programação em
www.leffest.com/pt*

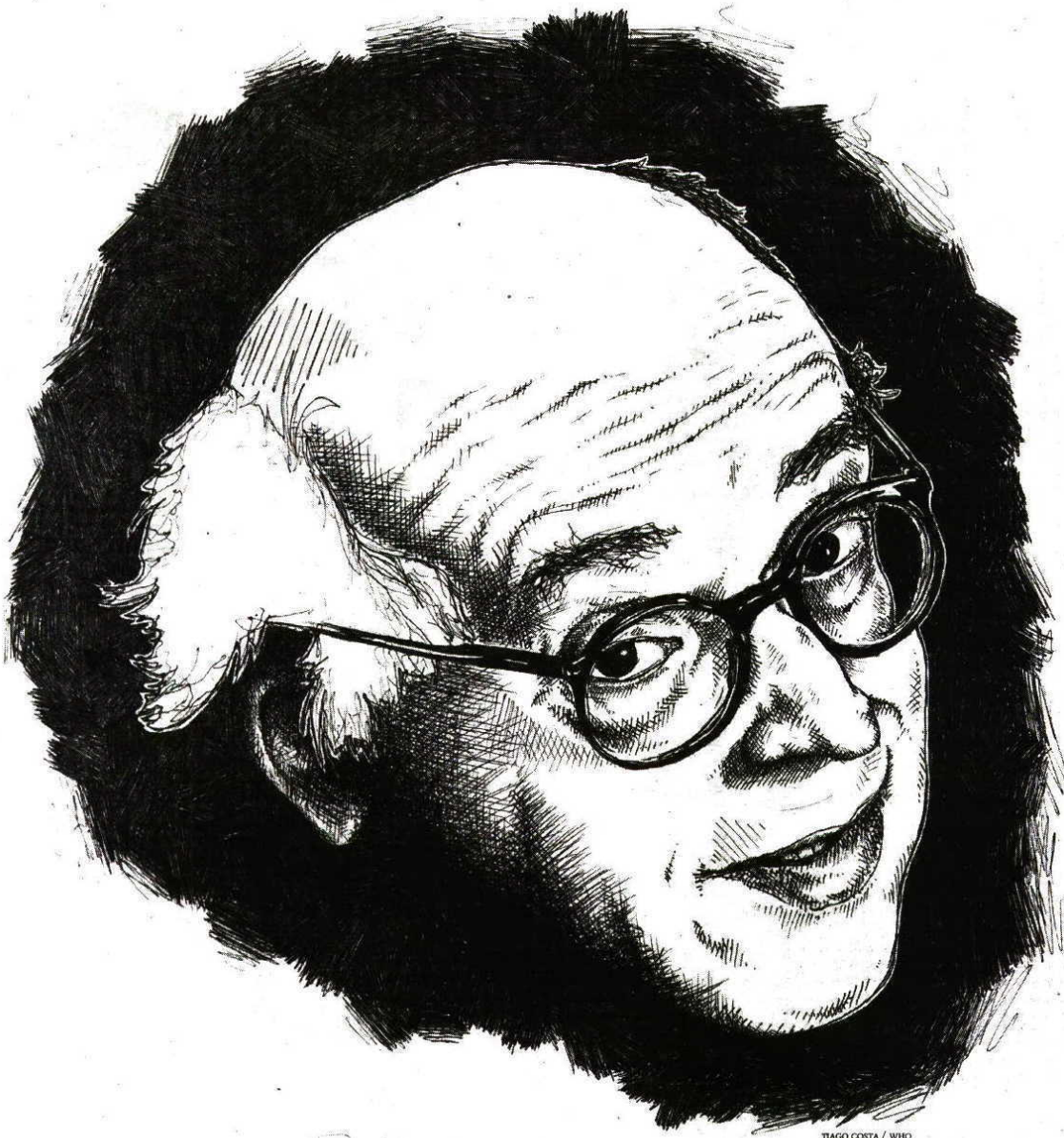
António-Pedro Vasconcelos, do Seixas Santos, do Paulo Rocha, do João César Monteiro e comecei a trabalhar muito em cinema." É desta fase o filme *Brandos Costumes*, de Alberto Seixas Santos, rodado em 1972 mas estreado só em 1975. "Um filme núcleo", quer para o cinema português quer para a sua carreira no cinema: "Foi muito fulcral naqueles anos do final da ditadura. Eu trabalhei muito intensamente com o Alberto Seixas San-

tos e criámos ali um núcleo de amigos que ficou durante muito tempo."

Desse grupo sai a Cooperativa Grupo Zero⁽²⁾, que partilha as instalações do Teatro do Bairro Alto, em Lisboa, com o Teatro da Cornucópia, entretanto fundado por Silva Melo e Luís Miguel Cintra. Mais do que partilhar um espaço, os dois grupos partilham paixões e projetos. *E não Se Pode Exterminá-lo* (1979) é um dos exemplos dessa cumplicidade: o filme, realizado por Solveig Nordlung e Jorge Silva Melo, baseia-se no espetáculo por ele encenado com a Cornucópia, juntando dois textos de Karl Valentin, embora não se limite a ser uma mera filmagem desse espetáculo.

A ficção

O primeiro filme realizado por Jorge Silva Melo é precisamente uma produção do Grupo Zero: *Passagem ou a Meio do Caminho* (1980). É feito "com uns tostões, 1500 contos", três semanas de rotação e "uma equipa mini".



Além disso, Silva Melo não o consegue montar na altura, vai para Berlim para trabalhar na Schaubühne, com Peter Stein, e só um ano depois o termina. "Ficou um filme interrompido." Com uma história livremente inspirada na "vida triste" de Georg Büchner, autor do *Woyzeck* que Silva Melo tinha dirigido na Cornucópia, este é, aos olhos do realizador, "um filme muito desanimado": "Eu agora até tenho vergonha, não do resultado mas do desânimo que o filme inspira. O Büchner teve uma atividade revolucionária intensa durante um ano, que correu mal, houve muitas denúncias, prisões, ele teve de fugir da sua região e ir para Estrasburgo, e o filme é sobre esse refluxo, a indecisão, a solidão, projetando em Büchner a minha própria tristeza de estar a ver o país a abandalhar-se como eu estava a ver naqueles anos, a caírem muitas das coisas coletivas em que eu tinha acreditado, também da minha vida pessoal. O filme é uma espécie de lamento."

É também um manifesto não escrito sobre o cinema que Silva Melo então quer fazer. "O

teatro que eu andava a fazer era muito espetacular, com grandes cenários, grandes coletivos, e apetecia-me fazer um pequeno filme sussurrado, que falasse ao ouvido do espectador, se é que não pudesse ser mesmo ao coração, um cinema muito íntimo, que nessa altura estava um bocadinho na ordem do dia." Um pouco à semelhança do que faziam Marguerite Duras ou Richard Dindo⁸.

Assim como *Ninguém Duas Vezes* (1984). "Eram filmes que arrogantemente não querem a *mimesis*, não querem a imitação da vida real. Mas são filmes irmãos: num é a derrota individual, que eu sentia na altura quando saí do teatro da Cornucópia e fui viver para Berlim; no outro é a derrota coletiva, de uma série de grupos de intelectuais e artistas que sentem dececionados." E conclui: "São filmes que faço à volta dos 30 anos, era nessa idade que se tomavam muitas decisões (agora já estão adiadas), sobre o que é a vida, o que é a profissão, o que é a independência económica, a definição de uma pessoa. E eu aos 30 disse 'estou definido: sou um homem sozinho,

que já não tem coletivo em que se apoiar, e estou triste com isso'. É dessa agonia que os filmes falam."

Os filmes que se seguem – *Agosto* (1988), *Coitado do Jorge* (1993), *António, Um Rapaz de Lisboa* (2002) e a curta *A Felicidade* (2009) – representam uma fase mais positiva em termos temáticos, embora complicada para a afirmação do realizador. "Houve vários projetos que foram abortados. Era difícil. Eu vivi em França durante oito anos, fazendo teatro. Os produtores de cinema também tinham vidas difíceis, houve muitas falências. E os produtores não se interessavam muito por mim", lembra Silva Melo. Os anos 80 foram de crise para o cinema, e não só em Portugal. Pelo menos para o cinema que lhe interessava, um "cinema sem altifalante, íntimo, sem ambição de ser espetacular". E nos anos seguintes a situação por cá não melhorou muito. O teatro voltou a ser a a atividade principal de Silva Melo. "O Jorge encenador é produtor de si próprio, essa é uma das vantagens que o teatro tem (ou pelo menos, tinha) em

relação ao cinema. Entre o desejo de fazer, o fazer e o mostrar o trabalho podem passar-se anos, a cadeia é muito complexa", explica. "E realmente correu-me mal quase tudo nessa cadeia. Todos os filmes em que trabalhei foram muito acidentados", diz, recordando o caso de *Xavier*, de Manuel Mozos (1992), para o qual escreveu o argumento. "Demorou uma década a ser concluído."

Os documentários

Já tinha feito documentários, mas, nos últimos anos, estes tornaram-se preponderantes na sua carreira cinematográfica. Por questões práticas – estes documentários são produzidos pelos Artistas Unidos e com orçamentos limitados, e aí Jorge Silva Melo consegue controlar todo o processo. Mas também porque não lhe tem apetecido tanto a ficção. "Comecei com o Palolo e gostei tanto de entrar no mundo das outras pessoas que continuei", explica. Álvaro Lapa, António Sena, Ângelo de Sousa, Ana Vieira, José de Guimarães, Joaquim Bravo, Glicínia Quartim são alguns dos artistas (quase todos pintores) que já retratou em filme.

E, olhando para trás, Silva Melo conclui: "Os meus primeiros filmes têm sempre um alter-ego meu, uma personagem na qual eu me projeto, que está perto de mim, um intelectual desajustado. No *Coitado do Jorge* há uma alteração – esse intelectual desajustado anda de carro à procura de um mundo que não é o dele e tenta perceber como é que se pode ser outra pessoa que não eu. No *António, Um Rapaz de Lisboa* já não há eu, já só estou com os outros, gosto daquelas personagens mas não são da minha família. Nos filmes que faço sobre os pintores já só há o mundo dos outros. Posso estar a falar do meu crescimento, mas falo deles, não é da minha relação com eles ou de como me marcaram, faço o retrato deles. Portanto, há um caminho de despesoalização nos meus filmes."

Um caminho que está neste momento a ser interrompido. "Estou a fazer um filme sobre mim próprio", revela. Os escritores escrevem autobiografias, os pintores fazem autorretratos; aos 65 anos, Silva Melo está a fazer um documentário sobre a sua vida, *JSM por JSM*. Um balanço. "Mas estou num impasse. Quando escrevi o argumento, há quatro anos, estava num momento bastante otimista da minha vida, em que as coisas estavam a correr bem. Agora, como é evidente, está tudo a correr-me pessimamente ao nível pessoal e laboral também, portanto não me apetece mentir e dizer que está tudo bem, mas também não me apetece fazer um filme deprimido, como o primeiro. Não quero fazer um vaidoso lamento do coitado do Jorge." O impasse levou-o a interromper a montagem, mas não a desistir.



(1) *Anfitrião*, de António José da Silva – espetáculo do Grupo de Teatro de Letras, de 1969, com encenação de Luís Miguel Cintra.

(2) *Cooperativa Grupo Zero* (1975-1983) – dedicava-se ao cinema e incluiu nomes como Seixas Santos, Solveig Nordlund, Acácio de Almeida, Fernando Belo, Joaquim Furtado, José Luís Carvalhosa, Leonel Efe, Lia Gama, Paola Porru, Serras Gago ou Teresa Caldas.

(3) *Marguerite Duras* – escritora e realizadora francesa (1914-1996). Silva Melo dá como exemplo da sua obra, nesta altura, o filme *O Camião* (1977). Do documentarista suíço Richard Dindo (n. 1944), Silva Melo lembra, por exemplo, *A Execução do Traidor à Pátria* Ernst S. (1979).



O CINEMA DE JORGE SILVA MELO NO LEFFEST

POR MARIA JOÃO CAETANO PÁGS. 6 E 7